

Organizadora
Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Re-textualizações

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2008

Diretor da Faculdade de Letras
Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor
Wander Emediato de Souza

Comissão editorial
Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Nelson Sá Fortes

Formatação
Anderson Freitas
Nelson Sá Fortes

Revisão de provas
Mônica Buccini
Nelson Sá Fortes

Endereço para correspondência
FALE/UFMG – Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2031
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

isbn: 978-85-7758-071-2

Sumário

Apresentação . 5

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Primeiro texto de partida . 7

Cláudio Ângelo

Editor de Ciência da *Folha de S. Paulo*

Rap . 10

Cíntia Tavares

Poema . 14

Fabiana Fernandes e Vanessa Santos

Verbetes de enciclopédia eletrônica . 15

Henrique Wollny

Conto . 18

Marcos Fábio de Faria

Tirinha . 21

Nelson Sá Fortes

Funk . 22

Saulo Sales e Luiza Moraes

Segundo texto de partida . 24

Stephen Kanitz | Administrador

Carta aberta . 26

Alair Ribeiro

Diário . 28

Bruna Maia

Bula . 30

Fabiana Fernandes

Artigo de opinião . 34

Henrique Wollny

Quadrinhos . 36

Joana Teixeira

Poema 2 . 37

Jozelma Ramos

Carta . 38

Laura Ferreira

Carta do leitor . 40

Maria José

Propaganda . 41

Nelson Sá Fortes

Entrevista . 42

Vanessa Ribeiro

Constituição . 46

Vanessa Santos

Oração . 49

Saulo Sales

Apresentação

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

A idéia de preparar nossos alunos tanto para lidar com diversas linguagens quanto para renovar o prazer em utilizar o idioma falado, recuperar aspectos de sua historicidade e de sua função social, direciona a um ensino que conduz ao aprimoramento da expressão na língua que falam. Para saber manusear cada vez melhor as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar, para utilizar a linguagem falada ou escrita na produção de novos textos, nossos alunos devem lidar constantemente com o processo de textualização tão importante para se expressarem verbalmente.

Tendo em vista a existência de grande variedade de gêneros possíveis para as muitas situações comunicativas, é preciso escolher maneiras de textualizar mais apropriadas para cada uma dessas situações. As escolhas envolvem o melhor modo de construção do texto, as formas gramaticais mais adequadas e tudo que está diretamente vinculado à função de cada texto, ao objetivo almejado, às situações de uso. Assim, a cada situação, em cada lugar, através de cada meio, para cada interlocutor, as pessoas se expressam de maneiras diferentes, produzem gêneros distintos. Isso leva-nos a refletir que não só a língua varia no tempo, no espaço, em diferentes classes sócio-culturais, mas também os modos de uso da língua variam de acordo com os gêneros textuais. O ensino do português não pode acontecer sem que todos esses aspectos sejam levados em consideração.

O processo de retextualização (ou de refacção e de reescrita) tem se mostrado um excelente recurso para o trabalho com o gênero. Associada à premência de se desenvolverem novas perspectivas educacionais relativas à linguagem e ao seu uso, a proposta de se enfatizar o gênero como núcleo do "ensino" da língua materna faz-se indispensável, rompendo-se com a prática de estudo de texto

voltada exclusivamente para a identificação dos tipos textuais que o constituem.

Re-textualizações é o resultado de um trabalho realizado por alunos de Graduação em Letras, a partir de temas de interesse dos alunos e diretamente relacionados à área de Lingüística e Educação. Para este livro, foram selecionados dois textos de partida que serviram de fonte para a produção de gêneros escritos. São eles: uma notícia de jornal intitulada "Tribo do Amazonas causa guerra na Lingüística", publicada na *Folha Online*, Seção Ciência, em 16 de abril de 2007, e um artigo de opinião intitulado "Revolucione sua sala de aula", publicado pela revista *Veja*, edição 1971, ano 33, nº 42, de 18 de outubro de 2000. Após a leitura desses textos, os alunos redigiram seus textos, mantendo-se as informações das fontes selecionadas: a notícia e o artigo de opinião. Nesta coletânea, estão algumas das várias retextualizações realizadas: letras de *rap*, de *funk*, poemas, conto, tirinha, verbete e tantos outros gêneros que levam consigo as informações dadas nos textos de partida.

O resultado desse trabalho deixa claro que a fundamentação dessa proposta está no princípio geral de que a língua é uma atividade sociointerativa, histórica e cognitiva e não um sistema de regras ou simples instrumento de informação.

Primeiro texto de partida

Tribo do Amazonas causa guerra na Linguística

Cláudio Ângelo
Editor de Ciência da *Folha de S. Paulo*

Uma tribo de caçadores-coletores do sul do Amazonas está colocando lingüistas e antropólogos em pé de guerra. Segundo um pesquisador, a língua dos pirahãs, um grupo de 350 pessoas que habitam o rio Maici, perto da divisa com Rondônia, é tão excepcional que põe em xeque a principal teoria vigente sobre a linguagem humana. A tese, no entanto, é contestada por outros lingüistas.

Os pirahãs ficaram famosos entre os acadêmicos devido ao trabalho do americano Daniel Everett, 55, um ex-missionário cristão que hoje é professor da Universidade Estadual de Illinois. Ele começou a estudar a língua da tribo nos anos 1970, com o objetivo (que nunca foi cumprido) de catequizá-los.

Enquanto aprendia a língua, vivendo numa aldeia pirahã com a mulher e os filhos, Everett descobriu uma série de peculiaridades no idioma. Os pirahãs não têm palavras para cores. Usam apenas oito consoantes e três vogais. Não possuem mitos de criação, não têm tempos verbais, não fazem arte e só sabem contar até três.

Em 2005, Everett publicou no periódico "Current Anthropology" um artigo no qual afirmava também que a língua pirahã não tem recursividade, ou seja, a capacidade de formar sentenças encaixando uma frase na outra. Assim, um pirahã seria capaz de dizer "a canoa de João", "o irmão de João", mas nunca "a canoa do irmão de João". Como vivem numa sociedade extremamente simples, onde o que conta é a experiência imediata (o aqui e agora), os pirahãs, argumenta Everett, têm sua língua (e, portanto, seu pensamento) limitados pela cultura – um caso único.

7

O trabalho caiu como uma bomba no meio lingüístico. Se Everett estivesse certo, o idioma pirahã seria um sério desafio à teoria da Gramática Universal. Desenvolvida pelo influente lingüista americano Noam Chomsky, a teoria afirma que todos os seres humanos possuem uma faculdade inata da linguagem, uma espécie de "órgão da linguagem" no cérebro. Essa capacidade independeria do meio cultural, tendo sido impressa nos circuitos cerebrais do *Homo sapiens* pela evolução. E a principal marca dessa faculdade é justamente a recursividade.

Uma exceção a essa regra significaria ou que os pirahãs não são humanos ou que o arcabouço intelectual chomskiano – sob o qual se formaram gerações de lingüistas – está falido. Everett, é claro, aposta na segunda hipótese.

Bombando

A tese de Everett sobre como a chamada "experiência imediata" limita a competência lingüística dos pirahãs saiu do domínio da academia na semana passada e se espalhou como rastilho de pólvora na imprensa popular. Uma reportagem de 20 páginas intitulada "O Intérprete – Será que uma tribo remota da Amazônia virou do avesso nossa compreensão da linguagem?" foi publicada na prestigiosa revista americana "The New Yorker" e citada por jornais *on-line*, revistas e *blogs* nos EUA e no Brasil.

No entanto, no final do mês passado, antes de a "New Yorker" ir para a banca, um trio de lingüistas dos EUA e do Brasil postou no *site* especializado *LingBuzz* um artigo contestando ponto a ponto o trabalho de Everett. Andrew Nevins, da Universidade Harvard, David Pesetsky, colega de Chomsky no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e Cilene Rodrigues, da Unicamp, afirmam – com base em trabalhos anteriores do próprio Everett – que o pirahã não apresenta desafio à Gramática Universal.

8

Referência

ÂNGELO, Cláudio. Tribo do Amazonas causa guerra na lingüística. *Folha Online*, São Paulo, 16 abr 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16297.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2008.

Rap

Versos, lingüística e pirahã

Cíntia Tavares

I

Os pirahãs não são uma tribo tupi.
Moram no Amazonas, habitam o Maici.
Trezentas e cinqüenta pessoas estão lá.
Foi sua língua que Daniel Everett veio estudar.
Em 70, o americano lingüista, começou a pesquisar

e descobriu que esse idioma é singular.
Como ele não há em nenhum outro lugar.
Há coisas que só ele tem. Leia abaixo e você saberá também.
Não há mitos de criação, nem tempos verbais.

Só falam com oito consoantes e três vogais.
Podem contar só até três. Não fazem arte e os
nomes para as cores não têm vez.

No *Current Anthropology* Everett um artigo publicou.
O idioma não possui recursividade, foi o que afirmou.
"A canoa de João" e "o irmão de João" isso podem dizer,
mas a "canoa do irmão de João", o encaixe das frases...
Ah, é impossível fazer!

Experiência imediata é o que importa aos pirahãs.
O aqui e agora sem se importar com o amanhã.
Isso porque sua cultura limita a língua e o pensamento.
São uma sociedade simples, a sensação lingüística do

[momento.

Essas são as afirmações que Daniel Everett fez em suas

[publicações.

II

Todo *Homo sapiens* nasce com a capacidade da linguagem, cuja principal característica é a recursividade. E o meio cultural não se relaciona a isso não! E os lingüistas se vêem com uma bomba na mão. Só porque tal idioma lhes incita a questão: e os pirahãs, humanos não são?! Ou estaria a gramática universal de Chomsky falida então? Everett nessa última hipótese acredita, mas só ele e nenhum outro lingüista.

III

A tese sobre a *experiência imediata* chegou à imprensa popular. Na *New Yorker*, jornais *on-line*, revistas e *blogs* foi parar. De quais países? Dos Estados Unidos e do Brasil nós podemos encontrar. Antes mesmo da *New Yorker* nas bancas emplacar, no *LingBuzz* um trio de lingüistas postou e ponto a ponto a teoria de Everett contestou.

Nevins, Pesetsky e Rodrigues sobre a excepcionalidade do [pirahã fizeram uma reavaliação.

A outras línguas realizaram uma comparação. Descobriram semelhanças com o bengali, o chinês e o alemão. Há outras tribos do Amazonas com limites na contagem. Matemática única não lhes é exclusividade. E ainda há evidências de recursividade.

Antropólogos e lingüistas brasileiros a Everett discretamente acusaram. Monopolizador, foi como o chamaram. E por isso os pirahãs não permitem a outros a aldeia alcançar porque o americano os fez assim pensar. O pesquisador, sem a Funai autorizar, alcançou a tribo para seus dados coletar.

11

Com a teoria de Chomsky, Hauser e Fitch Everett se confundiu, disse Pesetsky à *Folha*, um jornal do Brasil. "A canoa do irmão de João" em pirahã é uma impossível construção. Têm a cultura limitada. Esta é uma explicação. Mas e o caso do alemão que até acesso internet tem? Por que não pode realizar tal construção também?

IV

Tudo o que achou interessante num único saco Everett colocou e a "teoria" da *experiência imediata*, assim formulou. Sem elaboração teórica, uma frágil hipótese, na verdade, foi o que criou. Se a limitação cultural age sobre a linguagem por que não sobre outras das cognitivas capacidades? Poderia ser sobre a visão, como levantou Rodrigues a questão.

Everett no *LingBuzz* quis defender-se. Do direito de resposta nem cogitou abster-se. "Não há evidência em pirahã de recursividade", disse o lingüista à *Folha* com exatidão. E ainda diz ser imprecisa a definição que Chomsky e Fitch à recursividade dão.

Um delegado da Funai o autoriza a pesquisar. E visitas à aldeia Everett esteve a estimular. Os pirahãs pouco falam em português e o pesquisador é quem tem a bola da vez. O único de muitos meses por lá e a língua deles aprendeu a dominar. Foram esses os argumentos que usou para se explicar.

12

A cultura molda a linguagem, isso Fitch diz.
Se temos a palavra *samba*, os escoceses têm *haggis*.
E isso a nossa capacidade inata em nada pode afetar.
Mas o crítico de Chomsky, que não pensa como tal,
quis elaborar a própria concepção de gramática universal.
Ela o leva à contradição,
pois seus dados não apontam para uma firme conclusão.

Poema

Pirahã

Fabiana Fernandes e Vanessa Santos

Eu não sou
Porque pareço não ser como queriam
Não como um ser
Como eles verdadeiramente
O são

Meus murmúrios, esquecidos por muitos
Hoje questionados
Medidos e calculados
Numa escala maior que *aibai*

Penso para existir
Existo para que digam que penso
Limitadamente
Em preto e branco, talvez
E por que a canoa precisa ser do irmão do João
Se ninguém pode atravessar o rio Maici?

Todos são diferentes
Mas nós temos que ser mais
Apesar de parecermos iguais.

Língua Pirahã

EL: Enciclopédia Livre.

A **língua pirahã** é falada pela tribo indígena de caçadores-coletores do sul do Amazonas. Os pirahãs são um grupo de 350 pessoas que habitam o rio Maici, perto da divisa com Rondônia.

Os pirahãs ficaram famosos entre os acadêmicos devido ao trabalho do americano Daniel Everett, um ex-missionário cristão que hoje é professor da Universidade Estadual de Illinois. Ele começou a estudar a língua da tribo nos anos 1970, com o objetivo (que nunca foi cumprido) de catequizá-los. Nos anos em que morou numa aldeia pirahã, Everret descobriu uma série de peculiaridades do idioma.

Índice

- [1 Peculiaridades do Idioma](#)
- [2 O ponto de vista chomskiano](#)
- [3 A polêmica da descoberta](#)
- [4 Ver também](#)
- [5 Ligações externas](#)
- [6 Artigos relacionados](#)

Peculiaridades do idioma

Os pirahãs não possuem palavras para as cores. Usam apenas três vogais e oito consoantes. Não possuem mitos de criação, não têm tempos verbais, não fazem arte e só sabem contar até três.

Além disso, a língua pirahã não possui recursividade: a capacidade de formar sentenças encaixando uma na outra.

15

Assim, um pirahã é capaz de dizer "a canoa de João" e "o irmão de João". Entretanto, não é capaz de dizer "a canoa do irmão de João". Segundo Everett, isso é um efeito colateral da limitação cultural deles, uma vez que sua língua e seu pensamento são muito simples.

O ponto de vista chomskiano

Se Everett estivesse certo, o idioma pirahã seria o maior desafio à teoria da Gramática Universal. Noam Chomsky, pai da Gramática Ge(ne)rativa Transformacional, defende que todos os seres humanos possuem uma faculdade inata da linguagem, uma espécie de "órgão da linguagem" no cérebro. Essa capacidade independe do meio cultural, tendo sido impressa nos circuitos cerebrais do Homo sapiens pela evolução. A principal marca dessa faculdade é justamente a recursividade.

A polêmica da descoberta

Os lingüistas comparam o pirahã com várias línguas e descobriram que o idioma, longe de ser um "caso excepcional", tem semelhanças com o alemão, o bengali e o chinês.

A matemática dos pirahãs é compartilhada por outros povos da região do Amazonas, como os xetás, que só contam até três. As evidências de recursividade existem.

A pesquisa de Everett vem sendo discutida, uma vez que o lingüista "monopoliza" os estudos sobre a tribo. O acesso, por parte de outros lingüistas, é vetado pela Funai (Fundação Nacional do Índio), a pedido de Everett.

A língua alemã também não possui recursividade, o que prova que esse fato não é limitado à restrição cultural, uma vez que a cultura alemã é antiga e consolidada.

16

Muitos teóricos defensores da teoria chomskiana atacam os estudos de [Everett](#). Ele contra-argumenta dizendo que a teoria chomskiana não possui conceitos bem elaborados e que isso faz com que as críticas sejam infundadas.

Ver também

[Daniel Everett](#)

[Noam Chomsky](#)

Ligações externas

Palestras e entrevistas selecionadas

[Turning the Tide](#) — O *blog* oficial de Noam Chomsky

[Folha Online](#) — Seção Ciência “Tribo do AM causa guerra na lingüística”.

[Talk and Q&A at Boston College](#) — 23 de março de 2003; em formato [RealVideo](#).

Artigos relacionados

[Chomsky e o Socialismo](#)

[A legitimidade da violência como um ato político](#)

[Current Anthropology](#)

Conto

Pirahãs¹ e os branquelos²

Marcos Fábio de Faria

Pirahãs. Ao dizer isto, completara então doze anos de idade, na verdade três e mais, muitos, já que ainda não ousava saber mais que estes “um, dois e três” — os únicos números de sua língua. Complexidade de falar há tantos anos aquele nome que de fato não era o seu³. Estava desnomeada para aquilo que chamaríamos de sempre, ou um, mais dois, mais muitos anos.

Pirahãs era o que de mais novo podia pronunciar⁴. Desprezava então seus dois mais três, mais muitos anos, que levava para aprender a dizer esta sua origem.

Fora também descartada sua posição no mundo, num lugar um pouco desconhecido na beirada do fim do mundo, mas perto também da metade⁵ da terra, no meio da linha do equador. Se era leste ou oeste não tinha menor importância tão pouco aquela longínqua idéia de paralelos. Isso tudo era só irregularidades geográficas que nada importava a quem pouco mais que o nome sabia com boa fluência e qualquer coisa a mais que isto era só coisa que a eles conhecidos por uma palavra desconhecida, índios, inexistente de fato.

¹ Tinha-se por hábito dizer que certas pessoas não poderiam talvez ser gente, mas ao homem foi dotada a capacidade de dar nomes às coisas que antes não haviam sido batizadas. Estes homens estavam tão acostumados às nomenclaturas. Se não homem então coisa, e se coisa então agora coisa nomeada.

² Qual é o branco mais branco? É aquele que ao ver-se pode então olhar o tanto que é por sua vez branco de verdade. Mas como saber se branco ou não de verdade? É preciso saber se primeiro branco, para então saber se de verdade.

³ O pertence é muito mais aos olhos de quem o sabe que tem, talvez pudessem eles o ter antes mesmo de pensá-lo? Isso seria então o desejo, mas se não sabem o dizer do nome não podem ter o saber das coisas e, então, não podem ter desejos, já que eles são a princípio dirigidos às coisas, estas que já sabemos precisar de nomes.

⁴ Ao homem dito de verdade, é presente de vida a capacidade da fala, se não se pode falar, é por vez então mudo, um aleijado da fala. Os que não aleijados já sabem da fala ainda cedo, antes mesmo do primeiro momento dos dez, em suas primeiras décadas de vida; e se morrer antes de fato completar os dez de vida, morrerá com o saber da fala, com o saber da pronúncia.

⁵ A metade de um tanto é quanto? — Um punhado. Mais um monte de punhado é então da terra de onde veio esse povo. Se saber contar era mais importante que o que fazem, então a eles nunca foi observada a capacidade de viver, se é isso mais importante do que ficar o dia todo a jogar conversa fora.

Os outros⁶ que por mato, guiados pelo Deus todo poderoso, não tinham, porém, pensado em um pequeno segundo que fosse deparar com aqueles sem línguas. Da mesma estirpe daqueles que estavam a construir os alicerces de Babel. Na bendita hora da distribuição sintática, lexical, gramatical e outros ditos recursos lingüísticos que a todas civilizações foram demasiadamente saciadas, e melhor presenteadas as que mais perto de Deus estavam. Aqueles sem línguas só se alimentaram de migalhas caídas das balbucias daqueles famintos românicos e suas ramificações que ultrapassariam possibilidades lingüísticas da mais nova e famigerada Germânia, esta que daria, então, início ao imperialismo lingüístico.

Talvez até mesmo aquele, o maior de todos, tivera problemas para uma boa comunicação⁷. Não seriam aqueles branquelo, metidos a lingüistas, que seriam bem sucedidos, né?

Voltando de onde nunca deveria ter saído. Aquela mocinha, que nem sabe que já é uma mocinha, a dos um mais dois mais muitos anos, ainda não pode rezar o terço, não porque não foi ensinada, mas sim porque nunca pôde entender. O Pai nosso, o todo poderoso, ou os dois juntos, nem por reza mais brava de qualquer que fosse o santo, não saía, e qualquer evolução da reza era impossível. Quando poderia ela ter o prazer de clamar pela chegada do "que estais no céu".

"Não pode ser gente. Gente não é, porque gente pode falar, e, se bicho, é um bem pequeno de cabeça, se até mesmo bichos podem falar", ressaltou um branquelo. Ele que tinha enraizado seu ofício ao seu pensar, esse negócio de Gramática Gerativa e competência lingüística de nada serviam agora. Nada explicaria aquele fenômeno que sem perceber o encantara. Seus conceitos entraram em xeque, para ela nada

⁶ O que não é um é outro, concorda? Então, se têm por outros aqueles que não podiam se ter por pirahãs. Mas se estes outros tentarem desaprender a falar o que já sabem, podiam então ser um pirahã? - Não sabe você que a estes outros só interessa deixar de serem os outros sem serem por vez um pirahã.

⁷ Ao falar todas as línguas, esperavam que todos tivessem se alimentado das mesmas quantidades de diferentes línguas, e, então, poderiam, mesmo que em outras línguas, se comunicarem. Mas aos que tiveram fome, e que olharam calada a falta de língua para todos, não podem hoje tentar falar uma fala que seja igual. Ou podem?

mudara, não sabia o que era xeque! Como entender⁸ que os que mais falavam eram os que, naquela torre, não se entendiam, a ponto de terem que mudar suas falas e ainda se entenderem menos ainda. Aqueles sem falas, como trabalhavam nas bases, conversavam só o necessário. Eles não tinham o que ver e menos ainda o que falar. Entenderam rápido: O homem morre pela boca, mas são os olhos que os seduzem.

"Repeti: Pai nosso, que estais no céu, todo poderoso". Falava um branquelo a tal de doze anos, que insistia em falar sua origem.

Ela brincava com aquelas mãos brancas, era uma cor nova aquele branco de nuvens que de tão longe, antes ela olhava sem ter palavras para tentar falar da beleza, estava perto agora, como nunca esteve antes, olhava e ria. Das cores, sabem eles menos ainda, mas o branco que aos olhos doía, ela aprendeu.

Ele a olhava e dizia que eram quase parentes⁹; "o que falamos é quase igual; pirahã e alemão". Ela olhava-o atenta, mas nada compreendia. Era uma coruja a observar só de espreita, tentando entender o que de tamanha obscuridão se mantinha impossível.

"Pirahã", repetia como se fosse um brinquedinho novo, era sim um presentinho, mas o branquelo não quis nem saber. A ele o importante é que ela falasse o que ele mandasse. "Esses bichos não sabem nem falar, papagaio fala melhor", ressaltou o branquelo, "a gente sabe que quem é gente de verdade fala, já nasce pra falar de coisas de verdade". Mas quem disse que eram quase parentes, o tempo todo, foi ele.

E ela, esperta, nada entendeu ou fez que não.

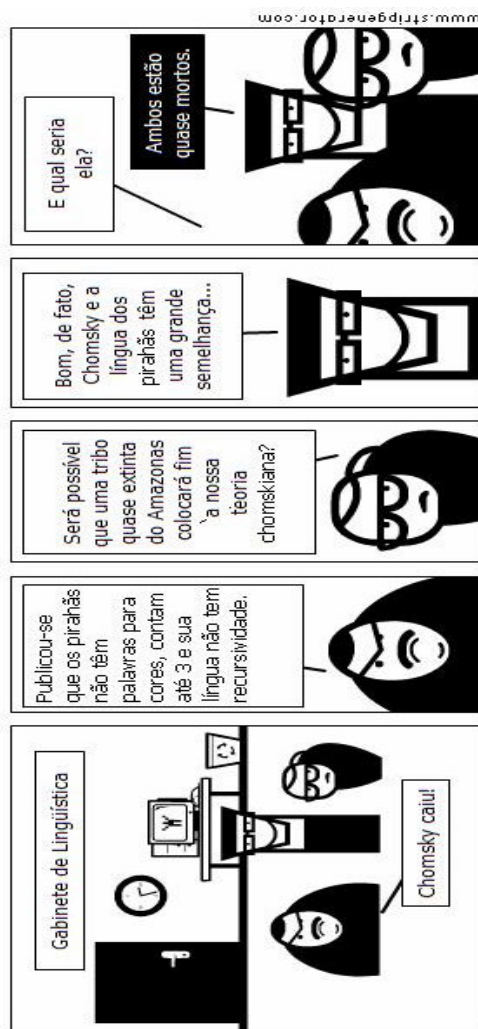
⁸ O quanto que entender é necessário? Para que se sabe que uma sociedade tem um monte de coisas que separadas são signos e juntas palavras. Nada poderia explicar como eles chegaram até aqui, não sabendo o que os outros a vida toda precisaram saber.

⁹ Uma vez escutei que podemos escolher tudo menos os parentes. Estaríamos fadados a carregá-los pelo resto da vida. Quando montamos nossas famílias levamos as dos outros com a gente, mas não porque queremos, e sim porque é quase uma obrigação. Talvez eles, os pirahãs, não aprenderam a falar parente para nunca precisar ter que carregar este fardo pela vida toda. Algumas coisas nós escolhemos, outras talvez não.

Tirinha

Os lingüistas X os pirahãs

Nelson Sá Fortes



21

Funk

Esculacho na Lingüística

Saulo Sales e Luiza Moraes

I

Na aldeia pirahã chegou o grande Daniel
Ele foi catequizar, levar todos para o céu
Mas na verdade ele é lingüista, ele foi pra pesquisar
Estudou língua dos índios pra depois esculachar

Daniel pôs no jornal e foi tudo de uma vez
Pirahã não enxerga cor e só conta até três
Não tem recursividade, nem tempos verbais
Não tem mito, não tem arte, só oito consoantes e três vogais

Na Gramática Universal, o Chomsky afirmou
Que a faculdade inata da linguagem, no ser humano já ficou
Capacidade independente do meio cultural
Recursividade é marca do intelectual

Para alguns lingüistas, pirahã é sim normal
Parece até com o alemão, não é excepcional!
E a tal da contagem que seria limitada
Tinha igual em outras tribos, então não provou nada!

E o Everett, o quê que faz? Monopoliza a moçada!
Antropólogos e lingüistas dizem não ter acesso a nada!
E no cerne disso tudo há uma grande confusão,
Everett confundiu a teoria do Chomskão!
O pirahã parece um pouco com o alemão
E nesta cultura não há limitação!

22

Refrão

Ah! Que isso? O Daniel é uma roubada
Também tem, tem, tem em alemão
"A canoa do irmão do João".

II

Lingüistas de gabinete não merecem atenção.
G.U. de Chomsky tem problema é de definição.
Aqui em Porto Velho, o delegado é meu chegado.
Quem quiser vê Pirahã pode vir está convidado.

Rodrigues, Cileninha, lingüista da Unicamp
Mostrou que o Everett cometeu um erro *punk!*
Experiência imediata, hipótese sem elaboração
Tudo no mesmo trabalho, falha de montão!

E Cileninha ainda fala que seria sacanagem
Se a limitação só pegasse a linguagem!
E o Nevins, mente aberta, cutuca o americano,
Dado sem evidência já foi pelo cano!

Segundo texto de partida

Revolucione a sala de aula

Stephen Kanitz | Administrador

Qual a profissão mais importante para o futuro de uma nação? O engenheiro, o advogado ou o administrador? Vou decepcionar, infelizmente, os educadores, que seriam seguramente a profissão mais votada pela maior parte dos leitores. Na minha opinião, a profissão mais importante para definir uma nação é o arquiteto. Mais especificamente o arquiteto das salas de aula.

Na minha vida de estudante freqüentei vários tipos de sala de aula. A grande maioria seguia o padrão usual de um monte de cadeiras voltadas para um quadro negro e uma mesa de professor bem imponente, em cima de um tablado. As aulas eram centradas no professor, o "lócus" arquitetônico da sala de aula, e nunca no aluno. Raramente abrimos a boca para emitir nossa opinião, e a maior parte dos alunos ouve o resumo de algum livro, sem um décimo da emoção e dos argumentos do autor original, obviamente com inúmeras honrosas exceções.

Nossos alunos, na maioria, estão desmotivados, cheios das aulas. É só lhes perguntar de vez em quando. Alguns professores adoram ser o centro das atenções, mas muitos estão infelizes com sua posição de ator obrigado a entreter por cinqüenta minutos um bando de desatentos.

Não é por coincidência que somos uma nação facilmente controlada por políticos mentirosos e intelectuais espertos. Nossos arquitetos valorizam a autoridade, não o indivíduo. Nossas salas de aula geram alunos intelectualmente passivos, e não líderes; puxa-sacos, e não colaboradores. Elas incentivam a ouvir e obedecer, a decorar e jamais a ser criativos.

A primeira vez que percebi isso foi quando estudei administração de empresas no exterior. A sala de aula, para minha surpresa, era construída como anfiteatro, onde os

alunos ficavam num plano acima do professor, não abaixo. Eram construídas em forma de ferradura ou semicírculo, de tal sorte que cada aluno conseguia olhar para os demais. O objetivo não era a transmissão de conhecimento por parte do professor, esta é a função dos livros, não das aulas.

As aulas eram para exercitar nossa capacidade de raciocínio, de convencer nossos colegas de forma clara e concisa, sem "encher lingüiça", indo direto ao ponto. Aprendíamos a ser objetivos, a mostrar liderança, a resolver conflitos de opinião, a chegar a um comum acordo e obter ação construtiva. Tínhamos de convencer os outros da viabilidade de nossas soluções para os problemas administrativos apresentados no dia anterior. No Brasil só se fica na teoria.

No Brasil, nem sequer olhamos no rosto de nossos colegas, e quando alguém vira o pescoço para o lado é chamado à atenção. O importante no Brasil é anotar as pérolas de sabedoria.

Talvez seja por isso que tão poucos brasileiros escrevem e expõem as suas idéias. Todas as nossas reclamações são dirigidas ao governo — leia-se professor — e nunca olhamos para o lado para trocar idéias e, quem sabe, resolver os problemas sozinhos.

Se você ainda é um aluno, faça uma pequena revolução na próxima aula. Coloque as cadeiras em semicírculo. Identifique um problema de sua comunidade, da favela ao lado, da própria faculdade ou escola, e tente encontrar uma solução. Comece a treinar sua habilidade de criar consenso e liderança. Se o professor quiser colaborar, melhor ainda. Lembre-se de que na vida você terá de ser aprovado pelos seus colegas e futuros companheiros de trabalho, não pelos seus antigos professores.

Referência

KANITZ, Stephen. Revolucione a sala de aula. *Veja*. Ed. Abril: São Paulo, ano 33, nº 42, 18 out 2000, p. 23.

Carta aberta

Alair Ribeiro

Senhor Stephen Kanitz,

Li seu artigo e constatei alguns equívocos que ora faço públicos. É de se lembrar, nobre articulista, que o tal do famigerado tablado escolar, a que se refere, caiu porque ele derrubava professores, não porque o professor deixou de ser o centro. Com seus 50 ou 60 cm de largura e uns 20 ou 30 cm de altura, volta e meia o mestre esquecia-se de que estava acima do chão e o tombo era certo, ou então um catar-cavaco em cima das carteiras dos estudantes que iam aos trambolhões num efeito dominó tremendamente hilário. Questão de segurança do trabalho, senhor.

Quanto ao centrismo magistrático, devo dizer-lhe que ele continua firme e forte: professor na frente e alunos em fileiras voltados para ele, ouvidos moucos ao que o magister *dixit*¹.

Não sei bem *a que será que se destina*² sua peroração crítica, mas vá o senhor a uma escola pública de três mil alunos distribuídos em três turnos, ensardinados em número de sessenta em salas feitas para quarenta, e mande botar as cadeiras em roda. Tente, se for capaz. Professores há que festejam as faltas alternadas, que permitem que todos os presentes se assentem.

Porque, senhor articulista, para revolucionar a sala de aula, o aluno tem que ter o mínimo básico: casa, comida, roupa e uma família com emprego e ganhando o suficiente para satisfazer as necessidades animais que é morar, comer e trabalhar.

Para revolucionar a sala de aula, ilustre senhor, o professor tem que ter a tranqüilidade de preparar sua aula, pensar nos seus alunos, não no que vai comer no dia seguinte, como vai pagar o aluguel e o que vai fazer com o

¹ Máxima que dava plenos poderes aos professores: "o mestre falô, cabô".

² Letra da música "Cajuína", de Caetano Veloso.

filho doente, já que o salário de miséria que ele ganha traz mais dor de cabeça que solução. Ou então ele fica igual macaco: de galho em galho, de escola em escola, para aumentar o parco ganhame.

O senhor cita os alunos periféricos, os alunos passivos, os alunos em tablados, arquibancadas, superiores aos mestres que conseguiam exercitar a capacidade de raciocínio e sem encher lingüiça como no Brasil. Critica a arquitetura de salas brasileiras onde “sequer olhamos no rosto de nossos colegas” e conclama a uma revolução na próxima aula: colocar as cadeiras em semicírculo.

Pronto! A receita mágica e acabada para melhorar o ensino no Brasil. Se me permite perguntar, como o senhor chegou até onde está, se freqüentou as aulas na forma tradicional?

Quantas vezes o senhor revolucionou sua escola colocando cadeiras em semicírculo? Quantas vezes derrubou professores do tablado?

Você terá de ser aprovado pelos colegas e não pelos antigos professores? O nobre crítico tem certeza disso? Os antigos professores são cartas fora do baralho? O senhor não é fruto da educação que recebeu dos mestres escolares? Nada disso valeu?

Não decepcione os professores. Lute por eles. Eles são peça fundamental para o futuro da nação. O arquiteto de sala de aula que seja bem-vindo, mas, por favor, senhor Kanitz, que ele *não vá além das sandálias*³.

³ Frase atribuída ao pintor grego Apeles, século IV a.C., que deixou um quadro de um soldado romano exposto em praça pública e sentou próximo observando os espectadores. Um grego chegou e criticou a sandália do soldado, dizendo-se sapateiro e que ela deveria ser assim, assim, assado. No dia seguinte o quadro estava lá com as correções feitas. O sapateiro entusiasmou-se e criticou o elmo, a espada, etc. Apeles aproximou-se e disse-lhe: “Sapateiro, não vá além das sandálias”.

Diário

Bruna Maia

04 de dezembro de 2007

Fim de ano (como passou rápido!)... dessa vez quis pensar um pouco em outras questões além das festas de Natal e *Reveillon*. Como estou quase me formando na faculdade, fiquei tentando achar uma resposta para a pergunta: “Qual a profissão mais importante para o futuro de uma nação?”. Achei difícil responder...

Segundo meus pais, “o professor”. Segundo meu irmão, “o médico” (típico... claro que ele ia responder isso, egocêntrico que é!)... Recebi respostas bem articuladas e quase convincentes. Quase! Pensando bem, (mente inquieta que tenho) acho que a profissão mais importante para definir uma nação poderia mesmo ser o arquiteto (como escreveu na *Veja* um administrador chamado Kanitz). Faz sentido (mesmo que pessoas como o meu irmão façam piadinhas e digam que todo mundo que faz Arquitetura é gay e que, se essa for a profissão mais importante para o futuro, o mundo está perdido). Refiro-me aqui especificamente ao arquiteto de salas de aula. A disposição tradicional das cadeiras, a posição centralizada do professor... toda essa atmosfera pressupõe uma hierarquia existente na relação professor-aluno e muitas vezes chega a criar nos alunos medo de exporem suas idéias. Pura verdade! Acontece sempre comigo... no João Herculino, no Anglo... até mesmo agora na UFMG! Muitas vezes guardo pra mim um comentário que poderia ser bom por medo de dar palpite... terrível isso! Eu tinha pensado em entrar para a aula de teatro mas na verdade não acho que seja só timidez o problema... o problema vai além disso (e vai além da esfera individual também). Acho até que não acontece só comigo... na maioria das vezes a sala de aula é um lugar onde o professor fala e o aluno finge que escuta (eu mesma já fiz

isso várias vezes!). Fica todo mundo enfileirado... ninguém troca idéia... e, no meu caso, acho que é ainda pior: na Letras o currículo é flexibilizado, ou seja, a gente não tem turma formada... Em cada aula tem alguém diferente sentado ao seu lado e, o que poderia ser uma boa fonte de novas idéias e diferentes opiniões, torna-se uma sala chata, cheia de gente desconhecida, que nem sabe o seu nome (odeio isso!).

Bom... acho que fiz um discurso "inflamado" demais e me esqueci que ainda tenho que estudar para a prova de Francês (já são 23h... ah nem, tô com sono). Até que foi bom refletir um pouco sobre esse assunto. Acho que a partir dele a gente pode pensar em várias outras coisas (como a relação desse nosso sistema escolar tradicional e excludente com a passividade com a qual a sociedade brasileira aceita os mandos e desmandos dos governantes do país) mas isso é papo pra depois, o Francês me espera... *Au revoir* :)

PS: Graças a Deus tá acabando o semestre... tô ficando doida com tanta coisa pra fazer! Ai, chegar em Floripa dia 27 vai ser demais!

Bula

Fabiana Fernandes

Revolumato de Escolasticina

GENÉRICOS

Medicamento genérico Lei nº9.787, de 1999.

Bula do Paciente

Atenção: Não tome medicamento sem o conhecimento do seu médico.

Pode ser perigoso para sua saúde.

IDENTIFICAÇÃO DO MEDICAMENTO

Revolutions Escolares do Brasil Química e Farmacêutica Ltda.

Revoluton Escolástico composto revolumato de escolasticina e mudancenetolico sódico.

FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

USO ADULTO E PEDIÁTRICO

Via oral.

Solução oral (gotas): frasco com 20 ml.

Cada ml (20 gotas) contém 6,67 mg de revolumato de escolasticina correspondentes a 4,59 mg de escolatina e 333,4 mg de revolumato sódico, correspondentes a 311,58 mg de mudancinetina.

Excipientes: variamato de classecina, falatorina sódica diidratada, discutiofato de sódio monobásico, proactivante de sódio dibásico, água.

OUTRAS FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

Comprimidos revestidos: embalagem com 30 unidades.

Solução injetável: embalagem com 5 ampolas de 5 ml.

INFORMAÇÕES AO PACIENTE

COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

REVOLUTON COMPOSTO é a combinação de dois medicamentos que

estimulam de forma rápida a capacidade criativa do indivíduo, eliminando todo tipo de passividade escolástica (em ambiente escolar ou não) e aliviando os sintomas do conformismo acadêmico. O medicamento faz efeito logo depois de tomado e seu efeito dura de 6 a 8 horas.

POR QUE ESTE MEDICAMENTO FOI INDICADO?

REVOLUTON COMPOSTO alivia de maneira rápida e por longo tempo a dor do inconformismo, estimulando o lado inovador do cérebro.

QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

CONTRA-INDICAÇÕES

Não devem usar REVOLUTON COMPOSTO os pacientes com intolerância conhecida a estimulantes criativos (medicamentos contra o ócio escolástico instalado) ou analgésicos da família da tolerancitina ou com determinadas doenças metabólicas, como medo de falar em público ou deficiência congênita de iniciativa e proatividade (doença com múltiplas manifestações clínicas, decorrentes de erros do metabolismo de substâncias denominadas amedrotontinas). Também é contra-indicado para pacientes com: redução da capacidade lingual (paralislingua); culpaprofessoratite (inflamação do dedo indicador, geralmente causado por indicação em haste a algum indivíduo, geralmente ligado à docência);

Este medicamento é contra-indicado para pessoas com tendência ao descontrole emocional diante de uma sala de aula, pessoas incapazes de olhar nos olhos dos colegas de sala e principalmente para aquelas que pensam que o professor é sempre responsável pelo mau rendimento escolar do aluno. Não recomendado também para alunos que pensam que o professor nunca é o responsável.

ADVERTÊNCIAS

Se surgirem manifestações alérgicas, como coceira, placas vermelhas e se houver inchaço nos lábios, boca ou garganta, interrompa imediatamente o uso deste produto e consulte seu médico.

Sintomas como vontade incontrolável de mudar as regras e sair do padrão são perfeitamente normais. No entanto, se a letargia e a falta de iniciativa ainda estiverem pairando sobre você, consulte seu médico.

PRECAUÇÕES

Pode ocorrer agravamento de tendência a discordar das outras pessoas, decorrente de uma ação do revolumato de escolasticina sobre fatores de passividade aguda (deficiência de paradesina).

Durante o tratamento pode-se observar alteração dos níveis de entusiasmo e criatividade, provocando um embelezamento instantâneo da pele e um brilho constante nos olhos, porém isso não tem significado clínico.

Grupos de risco: pacientes sensíveis à mudanças, que se amedrontam facilmente diante dos desafios e com problemas de relacionamento devem usar com cuidado o REVOLUTON ESCOLÁSTICO.

Os pacientes não devem dirigir ou operar máquinas após a administração de REVOLUTON ESCOLÁSTICO, porque pode haver um excesso de animação (alegria instantânea e motivação fulminante).

GRAVIDEZ E LACTAÇÃO

Este medicamento deve ser utilizado por mulheres grávidas com toda certeza. Principalmente por aquelas que desejam que seus filhos sejam alunos revolucionários. As que estão amamentando, usem também. Quem sabe o desejo de mudança passe para o seu filho por meio do leite materno?

COMO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Aspecto físico

Líquido de cor amarelada.

CARACTERÍSTICAS ORGANOLÉPTICAS

Seu odor é apenas levemente perceptível.

DOSAGEM

Solução oral: 1 ml = 20 gotas;
adultos: 20 a 40 gotas, 3 a 4 vezes ao dia;

crianças acima de 6 anos: 10 a 20 gotas, 3 a 4 vezes ao dia;

crianças de 1 a 6 anos: 5 a 10 gotas, 3 a 4 vezes ao dia.

COMO USAR?

O frasco vem acompanhado de um moderno tipo de gotejador, de fácil manuseio: basta colocar o frasco em posição vertical e deixar gotejar a quantidade indicada.

1. Romper o lacre da tampa.
2. Virar o frasco.
3. Manter o frasco na posição vertical. Para começar o gotejamento, bater levemente com o dedo no fundo do frasco.

Siga corretamente o modo de usar. Não desaparecendo os sintomas, procure orientação médica.

Não use o medicamento com o prazo de validade vencido. Antes de usar observe o aspecto do medicamento.

A suspensão do tratamento a qualquer momento não causará danos ao paciente.

QUAIS OS MALES QUE ESTE MEDICAMENTO PODE CAUSAR?

As reações adversas mais freqüentes são os efeitos anticolinérgicos, incluindo: boca seca (de tanto falar), turvação da vista (porque mudam os pontos de vista), aumento dos batimentos do coração (porque o ânimo triplica), tontura e retenção urinária (não dá tempo de ir ao banheiro devido ao número de atividades). Todavia, tais reações são leves e autolimitadas.

ONDE E COMO DEVO GUARDAR ESTE MEDICAMENTO?

Manter o medicamento em temperatura ambiente (15°C a 30°C). Proteger da luz e da umidade.

Todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das crianças.

RESULTADOS DE EFICÁCIA

Avaliando a eficácia analgésica de vários esquemas terapêuticos com duração de quatro dias, em pacientes com letargia causada por anos numa escola tradicional (quadros dolorosos, mais ou menos contínuos, de gravidade intermediária provocada por timidez aguda ou passividade crônica), incluiu o uso oral de REVOLUTON ESCOLÁSTICO e obteve os seguintes resultados: alívio da dor em 81,5% dos pacientes (total de 76) tratados com REVOLUTON ESCOLÁSTICO, contra 9,3% no grupo placebo (total de 151).

INDICAÇÕES

Como analgésico e estimulante, em estados letárgicos-dolorosos e passividade crônica em sala de aula. Também indicado em casos de falta de criatividade profunda, falta de iniciativa

e pró-atividade e em alguns casos de comodismo exacerbado diante de desafios do ensino e aprendizado.

DIZERES LEGAIS

Registro M.S.: 0.0000.0000.000-0

Farmacêutico(a) responsável: Fabiana A. D. Fernandes – CRF/MG-0000

Revolutions Escolares do Brasil Química e Farmacêutica Ltda.

UFMG – Faculdade de Letras

Belo Horizonte – MG

Indústria Brasileira

SAC 0800 123456

Nº de lote, data de fabricação e prazo de validade: vide cartucho.

Esta bula é atualizada continuamente. Por favor, proceda à sua leitura antes de utilizar o medicamento.

Para sua segurança, mantenha esta embalagem até o uso total do medicamento.

Artigo de opinião

Kanitz pelo cano

Henrique Wollny

Recentemente, li um artigo de opinião do Stephen Kanitz. Em seu texto, ele narrava sua experiência na escola. Num primeiro momento, a escola era brasileira. Uma escola repleta de alunos desmotivados, professores extremamente vaidosos, segundo Kanitz.

Por isso, hoje o povo brasileiro é passivo e facilmente controlado por políticos, donos de circo e intelectuais com teorias revolucionárias. Para ele, a escola é o vilão, porque produz toda essa corja mentalmente paraplégica.

Kanitz publica seu artigo na *Veja*. Ele não deve ter em seu pacote de canais a cabo um que se chama *Rede Globo*. Jornal? Só deve ler do gringo, uma vez que ele prefere o método de ensino estrangeiro, como afirma na continuação de seu artigo.

Ele compara o ensino fundamental e médio brasileiro a uma renomada escola de administração gringa.

Lá no estrangeiro, os alunos ficam em semicírculo, em cima de um palanque, aprendendo a pensar sozinhos. Lá os alunos aprendiam a ler livros. As aulas serviam para olhar um para a cara do outro e discutir as coisas. Lá o professor recebe em dólar.

E, ao fim do artigo, ele manda o leitor promover uma revolução em sala de aula. Como se tudo isso fosse adiantar alguma coisa.

É, senhor Kanitz. Acho que você é tão alienado quanto o povo daqui. Mal sabe o senhor que quem manda no nosso país é uma mídia, da qual o senhor faz parte, e que enche a cabeça do brasileiro de minhoca. Falam que os *states* são mais bonitos e que não sei o que lá. Degeneram a imagem tupiniquim. Mandam a gente fazer uma balbúrdiazinha

qualquer numa sala de aula, para a gente acreditar que podemos mudar o mundo fazendo bagunça.

Mal sabe o senhor Kanitz que para mudar o sistema, tal como na trilogia do *Matrix*, é preciso ser parte integrante dele. É ingenuidade de um administrador de empresas, formado no estrangeiro, acreditar que a cultura brasileira vai se modificar se nos sentarmos em um semicírculo.

Ninguém nunca mudou o mundo mudando a posição das carteiras dentro da sala de aula. Isso é fato.

Quadrinhos

Joana Teixeira



Poema 2

Entre mercenários e arquitetos

Jozelma Ramos

O futuro da nação ...
Os educadores? Não.
Os arquitetos de salas de aula.

Por toda minha vida de estudante vi poucos arquitetos.
Há muitos mercenários sobre o tablado...
Aqueles que encaram o espírito de Hitler,
E criam seres alienados, acrílicos, obedientes...

O futuro da nação...
Os educadores? Não.
Os arquitetos de salas de aula...

Mas os meus olhos se abriram em terras distantes...
Não havia tablado, nem mercenários, era um anfiteatro.
Os alunos se viam, se ouviam, estavam no nível mais alto.
E criavam seres inteligentes, construtivos, líderes...

O futuro da nação...
Os educadores? Não.
Os arquitetos de salas de aula...

A revolução pode estar próxima...
As cadeiras em semicírculo e os alunos discutem problemas
[sociais.
Não há colaboração dos mercenários, mas os arquitetos estão
[prontos...

E na vida, as provações virão, habilidades são necessárias e
[na sala de aula, a revolução.

O futuro da nação...
Os educadores? Não.
Os arquitetos de salas de aula...

Carta

Laura Ferreira

Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2007.

Prezado Sr. Diretor,

Sou mãe do aluno Luis Gustavo, que cursa na sua instituição o segundo ano do colegial. Resolvi lhe escrever esta carta porque percebo que meu filho está com muita dificuldade de redigir textos a partir das propostas elaboradas pelos professores. E, além disso, ele está desmotivado a escrever, o que é um problema ainda maior.

Pensei em várias formas de solucionar os problemas, assino revistas e internet a cabo. Sempre que posso, conversamos sobre assuntos polêmicos que circulam na mídia, mas ainda assim não tenho conseguido fazer com que ele perceba a importância de se discutir idéias, discordar, concordar e criar um consenso. Eu acredito, então, que o problema esteja na escola e proponho uma solução.

Sou arquiteta e tenho pensado muito sobre a influência do espaço da sala de aula na maneira como se configura as aulas. Segundo meu filho, a sala da sua instituição segue o padrão usual. Dessa forma, as cadeiras estão voltadas para o quadro negro e para o professor e não para os alunos. Assim, alunos, como o meu filho, que já não emitem opiniões em casa, raramente devem se expor em sala de aula.

Eu proponho, portanto, uma sala de aula que valorize os indivíduos em detrimento da autoridade do professor. É necessária uma reforma nas salas de aula que poderiam ser construídas como um anfiteatro, onde os alunos ficariam num plano acima do professor, não abaixo. Dessa forma, o objetivo das aulas não seria simplesmente a transmissão de conhecimentos, mas o exercício do raciocínio. Essa arquitetura impulsionaria os alunos a debaterem idéias,

exporem conflitos e resolverem questões de forma viável. As aulas serviriam para mostrar lideranças, chegar a um comum acordo e obter uma ação construtiva.

Imagine, Sr. Diretor, quantas redações brilhantes poderiam surgir a partir dessas fervorosas discussões?

Está anexado a esta mensagem o esboço de um projeto de uma sala de aula. Estou à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Laura Ferreira.

Carta do leitor

Maria José

Caros editores da revista *Veja*,

O artigo de Kanitz publicado na semana passada ("Revolucione a Sala de Aula") chama a atenção pela idolatria do autor em relação aos métodos de ensino usados no exterior. Kanitz faz graves acusações ao ensino brasileiro, dizendo, por exemplo, que "nossas salas de aula geram alunos intelectualmente passivos... elas incentivam a ouvir e a obedecer, a decorar, a jamais ser criativos", e que é devido a esse tipo de educação que "somos uma nação facilmente controlada por políticos mentirosos e intelectuais espertos." Ao falar do ensino do exterior, o autor se empolga como uma criança que descobre um brinquedo novo e diz que, em outros países, as aulas ensinam "a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, chegar a um comum acordo, obter ação construtiva." Que o ensino brasileiro padece de problemas sérios, isso é ponto pacífico. Mas fazer generalizações, colocar todas as escolas brasileiras como inadequadas e exaltar sem ressalvas o ensino estrangeiro é, na melhor das hipóteses, ingênuo e deixa transparecer a mentalidade colonizada do autor, que parece acreditar que "tudo que é de fora, é melhor."

Kanitz não cita, especificamente, o país a que se refere, mas, segundo seu texto, essa nação teria uma educação tal que não permitiria que seu povo fosse ludibriado por maus políticos ou por pseudo-intelectuais. Que nação é essa? Os Estados Unidos, que reelegem Bush e tornaram Dan Brown sucesso de vendas? A França, com Sarkozy? Portugal, que há poucos anos elegeu o ex-ditador Salazar a figura mais relevante do país e proibiu a publicação de algumas obras de Saramago? É verdade, nós reelegemos Lula e até lemos Diogo Mainardi, mas não parecemos, pelo menos nesse quesito, tão distantes assim dos cidadãos do exterior. Se nossa educação tem problemas, ela, definitivamente, não é a única.

Propaganda

Nelson Sá Fortes



Aprender assim parece um negócio da China, mas não é.

Revolucione a sala de aula. Não espere tudo de seu professor. Lembre-se de que na vida precisará mais do que a aprovação deles para passar.

41

Entrevista

Vanessa Ribeiro

Stephen Kanitz fala sobre a educação brasileira



STEPHEN KANITZ, consultor de empresas e conferencista, vem realizando seminários em grandes empresas no Brasil e no exterior. Já realizou mais de 500 palestras nos últimos 10 anos. Mestre em Administração de Empresas pela Harvard University, foi professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

Ex-comentarista econômico da TV Cultura de São Paulo. Assessor do Ministro do Planejamento 1986-1987. É o criador do Prêmio Bem Eficiente para entidades sem fins lucrativos e do site www.voluntarios.com.br. É também criador de Melhores e Maiores da revista *Exame*, avaliou até 1995 as 1000 maiores empresas do país.

Sua experiência como consultor lhe rendeu vários prêmios: Prêmio ABAMEC Analista Financeiro do Ano, Prêmio JABUTI 1995, da Câmara Brasileira do Livro, e o Prêmio ANEFAC.

Atualmente é articulista da revista *Veja* — Editora Abril — e árbitro da BOVESPA na Câmara de Arbitragem do Novo Mercado.

Kanitz concedeu entrevista à revista *Olhe* em seu apartamento em São Paulo.

42

OLHE: Qual é a profissão mais importante para o futuro de uma nação?

STEPHEN KANITZ: Vou decepcionar, infelizmente, os educadores, que seriam seguramente a profissão mais votada pela maior parte dos leitores. Na minha opinião, a profissão mais importante para definir uma nação é o arquiteto. Mais especificamente o arquiteto de salas de aula.

OLHE: Por que o senhor resolveu adotar essa denominação "arquiteto de salas de aula"?

SK: Bem, na minha vida de estudante freqüentei vários tipos de sala de aula. A grande maioria seguia o padrão usual de um monte de cadeiras voltadas para um quadro negro e uma mesa de professor bem imponente, em cima de um tablado. As aulas eram centradas no professor, o "lócus" arquitetônico da sala de aula, e nunca no aluno.

OLHE: Como esse padrão de sala de aula influencia no aprendizado?

SK: Raramente abrimos a boca para emitir nossa opinião, e a maior parte dos alunos ouve o resumo de algum livro, sem um décimo da emoção e dos argumentos do autor original, obviamente com inúmeras honrosas exceções. Nossos alunos, na maioria, estão desmotivados, cheios das aulas. É só lhes perguntar de vez em quando. Alguns professores adoram ser o centro das atenções, mas muitos estão infelizes com sua posição de ator obrigado a entreter por cinquenta minutos um bando de desatentos.

OLHE: E quanto ao posicionamento dos professores?

SK: Acredito que isso também influencie. Nossos arquitetos valorizam a autoridade, não o indivíduo. Nossas salas de aula geram alunos intelectualmente passivos, e não líderes; puxa-sacos, e não colaboradores. Elas incentivam a ouvir e obedecer, a decorar, e jamais a ser criativo. Não é por

43

coincidência que somos uma nação facilmente controlada por políticos mentirosos e intelectuais espertos.

OLHE: Então o sucesso de outras nações está relacionado a sua sala de aula?

SK: Exatamente. A primeira vez que percebi isto foi quando estudei administração de empresas no exterior.

OLHE: E qual é a diferença entre as salas de aula no exterior e no Brasil?

SK: No exterior, a sala de aula, para minha surpresa, era construída como anfiteatro, onde os alunos ficavam num plano acima do professor, não abaixo. Eram construídas em forma de ferradura ou semicírculo, de tal sorte que cada aluno conseguia olhar para os demais. O objetivo não era a transmissão de conhecimento por parte do professor, esta é a função dos livros, não das aulas. As aulas eram para exercitar nossa capacidade de raciocínio, de convencer nossos colegas de forma clara e concisa, sem "encher lingüiça", indo direto ao ponto. Aprendíamos a ser objetivos, a mostrar liderança, a resolver conflitos de opinião, a chegar a um comum acordo e obter ação construtiva. Tínhamos de convencer os outros da viabilidade de nossas soluções para os problemas administrativos apresentados no dia anterior. No Brasil só se fica na teoria. No Brasil, nem sequer olhamos no rosto de nossos colegas, e quando alguém vira o pescoço para o lado é chamado à atenção. O importante no Brasil é anotar as pérolas de sabedoria. Talvez seja por isto que tão poucos brasileiros escrevem e expõem as suas idéias.

OLHE: E como a sala da aula influencia na formação do cidadão?

SK: Ela influencia na formação do senso crítico. Não é à toa que todas as nossas reclamações são dirigidas ao governo — leia-se professor — e nunca olhamos para o lado para trocar idéias e, quem sabe, resolver os problemas sozinhos.

44

OLHE: E o que pode ser feito para mudar essa realidade brasileira?

SK: Eu acho que a mudança deve começar dentro da sala de aula. Se você ainda é um aluno, faça uma pequena revolução na próxima aula. Coloque as cadeiras em semicírculo. Identifique um problema de sua comunidade, da favela ao lado, da própria faculdade ou escola, e tente encontrar uma solução. Comece a treinar sua habilidade de criar consenso e liderança. Se o professor quiser colaborar, melhor ainda. Lembre-se de que na vida você terá de ser aprovado pelos seus colegas e futuros companheiros de trabalho, não pelos seus antigos professores.

45

Constituição

Vanessa Santos

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA REVOLUÇÃO DA SALA DE AULA NACIONAL

Lei nº 1.671 de 18 de Outubro de 2000.

Estabelece as diretrizes e bases da revolução da sala de aula no Brasil.

O ADMINISTRADOR

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I
Da Revolução

Art.1º A revolução consiste na reestruturação física da sala de aula para atender às necessidades de uma concepção mais ampla de educação escolar.

§1º Esta Lei direciona a educação escolar em instituições de ensino para que ensinar não seja apenas transmitir conhecimento, tarefa que passa a ser atribuída apenas aos livros.

§2º A educação escolar passa a ser mais claramente vinculada ao mundo do trabalho e à prática social, formando efetivamente cidadãos, sujeitos do processo de formação humana.

46

TÍTULO II

Dos Princípios e Fins da Revolução da Sala de Aula

Art. 2º A partir de experiências educacionais estrangeiras, verifica-se a necessidade de revolucionar a sala de aula nacional. A revolução deve se estruturar com base nos seguintes princípios:

I – A iniciativa de modificação do ambiente escolar deve partir do aluno.

II – As cadeiras devem ser colocadas em semicírculo, o que difere do modelo tradicional, do padrão usual de um monte de cadeiras voltadas para o quadro negro.

III – A mesa do professor não deve ser imponente, em cima de um tablado. O centro das atenções deve ser primordialmente os estudantes. Quando possível, posicionar os estudantes em um plano acima do professor.

Art.3º A nova organização da sala de aula trará conseqüências ao processo de ensino e aprendizagem. As principais mudanças que a revolução acarretará são:

I – Aulas centradas no aluno, o novo *locus* arquitetônico da sala de aula.

II – Exposição das opiniões dos estudantes sobre temas relevantes, como os problemas da comunidade ou da instituição escolar.

III – Busca de solução de problemas promovida pelos alunos.

§1º Nos debates, os alunos devem visualizar todos os colegas e treinar sua capacidade de convencer os outros da viabilidade de suas soluções para os problemas.

§2º Novas saídas devem surgir como consenso após o trabalho dos alunos.

TÍTULO III

Dos Profissionais da Educação – Os Arquitetos da Sala de Aula

Art. 4º A nova sala de aula deve ser regida pelos alunos, cuja posição será de destaque. A função do educador passa a ser a de arquiteto da sala de aula, responsabilizando-se pela manutenção da organização física da sala de aula e pela mediação dos debates.

§1º A nova função do educador favorecerá o aluno, como também o professor que não será o único responsável pela fala. Pelo contrário, a exposição de opiniões será tarefa primordial do aluno.

TÍTULO IV

Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 5º A Revolução da sala de aula é válida para todos os níveis de educação escolar.

Art. 6º Os alunos egressos deste novo sistema educacional deverão ser capazes de escrever e expor suas idéias de forma clara e concisa. Serão, também, cidadãos ativos, lideranças em potencial, colaboradores aprovados por seus pares em casa, no trabalho ou na comunidade onde moram.

Art.7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Oração

Súplica por socorro

Saulo Sales

Senhor,

Sabes que na minha vida freqüentei diferentes tipos de sala de aula, mas o que mais me chamou a atenção é a arquitetura das mesmas. No Brasil, Senhor, Tu sabes, as salas sempre possuem as cadeiras dispostas em fileiras, com os alunos sempre voltados para o professor em cima de um tablado. E esses professores são sempre cheios de si, adoram aparecer, mas sabem que no fundo, os alunos estão descontentes com o andamento das aulas.

Bendito o momento, meu Pai, que tive a oportunidade de conhecer uma sala de aula no exterior. Notei que tais salas, com forma de anfiteatro, colocam os alunos numa posição de se entreolharem e num espaço acima do professor. Assim, o propósito desta aula não era o de transmitir o conhecimento de quem sabe para alguém em estado de ignorância, mas desenvolver o raciocínio e a discussão dos temas que havíamos estudado nos livros. Nesta sala, aprendíamos a ser objetivos, convincentes com nossos colegas e a sempre encararmos tudo que nos é dado com criticidade.

Nossos arquitetos, ó Pai, valorizam a autoridade, ao passo que os arquitetos do exterior valorizam a formação de cidadãos. Nossas salas de aula formam intelectuais submissos a uma autoridade, sem espírito de liderança. Não podemos dividir comentários e idéias com nossos colegas durante a aula!

Como brasileiros, somos ensinados a sempre obedecer, sem questionar, não só aos professores, mas ao governo também. Ó Pai, ajuda-nos a revolucionarmos a sala de aula, a colocarmos as cadeiras em semicírculo, a identificarmos o que pode ser mudado em nossa sociedade. Se encontrarmos um problema, ajuda-nos a buscar a solução, não só reclamar do

professor ou dos dirigentes do Brasil. Tende piedade Senhor, tal problema está sempre diante de nossa sociedade há gerações e não fazemos nada para mudar. Faze o bem ao Brasil, dê-nos força para lutarmos na construção de uma pátria mais digna.

Rogo-lhe no nome de Teu filho Jesus.

Amém.

**Cadernos Viva Voz
de interesse para a área de
Gêneros Textuais**

Nos domínios dos gêneros textuais vol. 1

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

Nos domínios dos gêneros textuais vol. 2

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no site: [www.lettras.ufmg.
br/site/publicacoes/publicacoes.htm](http://www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/publicacoes.htm)

